

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos  
*Director de ELECTRICIDADE*

## Jardins da Madeira

A primeira vez que me desloquei à Madeira teve por motivação passar um Carnaval diferente. E que fosse agradável. No continente os dias carnavalescos não se me afiguram alegres: sempre muito trabalho, como engenheiro responsável do aguerrido departamento de obras electrotécnicas da AEG-Telefunken, sempre uma animação forçada, a despropósito, cansativa – já longe dos "assaltos" improvisados à pressa, nos quais exteriorizava garotices cheias de ingenuidade e feitiço aos olhos de uma ou outra rapariga. Naquele ano, o Eng. Albertino Santana, farto de montagens electrónicas na Standard Eléctrica, insistiu para que o acompanhasse de visita à "pérola do Atlântico", onde o Carnaval seria outro.

Oito dias deu para subir ao pico mais alto do coração térreo e descer ao povoado mais distante à beira das ondas marinhas do Norte. De repente, na intensidade do arvoredo estendido até onde a vista se perdia, a partir daquele mosteiro de recolhimento, percebi o som nítido do silêncio. Encanto. Com a jovem guia a desfazer-se em pétalas de prazer cada vez que os lábios exprimiam a partilha de saberes. Que a vida parecia acabar já ali adiante, na linha extrema do jardim de refrescantes palmeiras e floridas buganvílias por cima de insinuantes esterlicias. A beleza do espírito e a tranquilidade da Natureza.

Afinal essa foi a compensação justificativa de um Carnaval sem história, resumido a uma noite na buete do hotel, entre estrangeiros inglesados, contando o futuro pressentido de saudades do passado das viagens pelo mundo, a ver dançar sambas e marchas qual espectador orteguano. A filosofia, sem rebelião nem massas. Só.

Por isso, gostei muito da segunda vez que estive na Madeira, integrado num populoso grupo de jornalistas da imprensa não-diária, para participar num congresso de jornalismo regional e especializado. Ainda não tinha chegado ao logro que é o associativismo para as revistas técnicas, num quadro hegemonicamente dominado pelos humanistas tradicionais. Mas aí adquiri a certeza do desprezo com que a imprensa semanal, preponderante no mercado e nas influências, observa as publicações de reduzido público (como é a imprensa especializada de engenharia). Os anos vindouros não me viram mais em semelhantes congressos, preparados para que os humildes filiados oiçam as vozes dos donos, enquanto gozam as delícias dos rebuçados oferecidos pelos patrocínios (sempre com uma componente política encoberta). Congressos fechados onde os convidados a dedo apresentam opiniões escolhidas, nunca os compreendi. E a recusa de os substituir por conferências abertas, com apresentação livre das comunicações seleccionadas por uma comissão alargada e conhecida, deu-me a certeza de que tudo é para fazer de conta. Quem está no poder não o larga, ou se o largar é em alternância – o que dá no mesmo (é só uma questão de aprender a esperar). Basta notar quem foi convidado para participar no Congresso deste ano, em Abril passado, na Bahia. Um oportunismo descarado, a propósito das comemorações dos 500 anos do achamento do Brasil.

Essa estadia permitiu-me conhecer outra Madeira: a das bordadeiras à mão, a dos vinhos fermentados pela História e a do

presidente Jardim, João Alberto (assim escrito, ao jeito das modernas referências, mesmo a calhar como irreverência). Nem me passavam pela cabeça os sinais históricos que vi nas visitas turísticas proporcionadas através da cidade de Funchal e arredores. Mal poderia conceber o encantamento das magnólias num almoço ao ar livre, recheado de manjares do mar e da terra, regado por apetitosos fluidos à demanda inexgotável. E para rebater, ao pôr do Sol, o caloroso aperto de mão do anfitrião presidencial, um a um, com sorriso aberto e laracha pronta, a jovializar os problemas de comunicação, naquele amplo salão dos brindes com madeira doce, à beira de um jardim privilegiado. Suave pacificação dos tumultos intelectuais. A contento.

Talvez a saudade de tamanha diferença vivencial tenha provocado o estímulo que me levou pela terceira vez aquela ilha paradisíaca, a emergir no oceano Atlântico como na imaginação. Eu, a mulher e os filhos (ainda na idade em que vêem o que os pais lhes mostram). A trilogia completa do ser, em busca da paz na beleza natural: a piscina do hotel Savoy e o seu jardim imperial ao estilo inglês, com recortes a convidar à leitura, o cenário real da Quinta da Magnólia, o porto e a ribeira seca. Mais longe, a descida das calçadas íngremes em carros deslisantes, os idosos saudosistas dos tempos do controlo guiado a troco de algumas moedas e as guerras entre famílias pelo domínio das corridas. O instinto de sobrevivência ou a sofreguidão da posse, o confronto dos valores hereditários com as conquistas por outros valores, a artificialidade do direito e a relatividade da Natureza.

Quando procurava restaurante para o primeiro almoço abei-me de um transeunte que passava. Ao olhá-lo verifiquei que as suas barbas negras cobriam um rosto conhecido. "Ah, és tu, o Jardim!", saiu-me sem dar por isso, iluminado por uma centelha dos tempos da tropa, durante a preparação militar em Tancos no longínquo ano 1960. Não, não era. "Está a confundir-me com o meu irmão Jardim, que é engenheiro". Isso mesmo, engenheiro civil. Que fazia carreira profissional a construir hotéis na Madeira. "Vá lá visitá-lo". À minha frente estava um homem solícito, que eu conhecia dos jornais e telejornais: havia sido responsável pelo Partido Socialista na Madeira durante alguns anos. Era mesmo. Outro Jardim.

A verdade é que não cheguei a procurar o Eng. Jardim nos seus luxuosos hotéis. Já instalado no tradicional Savoy, faltou-me apetência para contrastar o cheiro daquele ambiente histórico com modernas decorações, certamente deslumbrantes mas a emanar os odores da vida tecnológica. A semana de férias, em família, seria mais para emprestar valores humanos e naturais do que alugar riquezas da tecnologia e artificialidade. Depois tinha a dúvida de preservar a boa recordação dos três meses despegados que viveramos como cadetes do exército, num convívio forçado pelo serviço militar obrigatório. Agora, decorridas décadas sem qualquer relação pessoal, poderia acontecer simplesmente mais uma visita colada no percurso da vida, como tantas que tenho feito a colegas de outras vidas.

Assim sendo, que fosse antes à procura do Eng. Alegre, com quem convivera na fábrica de cabos eléctricos em Luanda, a Condel, e depois na Cel-Cat, ainda na Amadora. Um jovem engenheiro electrotécnico que se dedicou à produção industrial, em busca da eficiência e qualidade das linhas de fabricação. Mas, um dia, constatou o incompreensível: os engenheiros ocupados com a produtividade junto dos processos tecnológicos são ultrapassados, em honras e retribuições, por aqueles que se aproximam da gestão e dos sectores comerciais. Trata-se de um sentimento empresarial absurdo: como o dinheiro que entra nas empresas industriais penetra pelos canais das vendas, resulta a impressão de que esses batalhadores de colarinho branco nos diversos mercados é que merecem as boas recompensas. E os técnicos residentes nas alas fabris, quer na programação das fabricações ou na execução dos produtos, permanecem esquecidos e renegados a uma qualidade de vida inferior. Talvez para não destoarem dos restantes trabalhadores de bata azul.

Debaixo desta certeza, perdi o companheiro semanal no percurso de manutenção física no Estádio Nacional e abandonei as últimas tentações de prática desportiva. O Eng. Serra Alegre deixou a vida profissional que dominava e partiu para administrar uma pequena fábrica de pequenos motores eléctricos no Funchal, com exportação total para todo o mundo. Surpreendentemente, quando também eu me convertera aos sistemas de controlo e automação, onde os pequenos motores eléctricos se usam a esmo, não conhecia essa actividade industrial em território português. Foi preciso ir a Paris, como jornalista convidado da exposição internacional ELEC, para encontrar o nosso colega num stand da vizinha mostra de subcontratação. Aí vi as pequenas maravilhas que produzia. E de novo confraterizamos como eu gosto: ao sabor do acaso.

Com estas recordações, não admira que tenha trocado o fácil encontro com o Eng. Jardim pela incerta pesquisa do local de trabalho do colega de engenharia. Assim aconteceu. De morada em morada, lá fui em demanda até ao encontro. Já deixara os motores eléctricos. Agora administrativa uma fábrica de cerveja. Aí estava ele, sentado na cadeira da responsabilidade, puxando por múltiplos cordelinhos, a mover cadeias logísticas, desde as aquisições de matérias-primas até às distribuições das garrafas "Cristal". O jantar que se seguiu, no alto de um morro, com o panorama que a vista descortina por aí abaixo, ficou na memória um retrato desta vida: imagem a esbater-se no tempo de algo imprevisível. E, por isso, bela. Com um engenheiro electrotécnico que deixou de o ser. Como tantos outros que tenho revisitado.

Afinal, para que serve estudar na Universidade um e outro aspecto especializado da ciência e tecnologia? Não será mais atinado que a Universidade preserve o seu conteúdo universal? Quando hoje leio, amiúde, ofensas a quem defende um conteúdo universitário alargado fico a pensar se isso não será o resultado de uns copos de Cristal a mais. Como diria o presidente Jardim, os lobbies estão bêbados. **E**